

O ESTUDANTE DA EAD EM BUSCA DE LAÇOS: “TEM ALGUÉM AÍ?”

Aracaju/SE - Junho 2009

ROMÃO, Eliana Sampaio
Universidade Federal de Sergipe(UFS) elianaromao@uol.com.br

Categoria (Métodos e Tecnologias)

Setor Educacional (Educação Universitária)

Natureza (Descrição projeto em andamento)

Classe (Investigação Científica)

A Educação a Distância “é a que mais cresce no Brasil”. Assim, amplia o aumento do número de estudantes em programas de formação superior e continuada, bem como multiplicam indagações e desafios. Estudos voltados para a aprendizagem a distância são cada vez mais relevantes no âmbito da EAD, pois o esforço do estudante é tido como insuficiente. O presente estudo objetiva compreender quais as ocorrências marcantes para que o estudante não se limite a fazer apenas contatos e cumprir contratos, mas estabeleça uma comunicação que se traduza em um processo de conscientização, de intercâmbio, de educação. Pergunta-se, então: que fazer para que a cultura que proporciona o sentido do “nós” não fique na penumbra e a aprendizagem individual não leve o estudante a indagar perplexo: “tem alguém aí”? Entre os resultados constatados até aqui, evidencia-se que a falta de consciência e hábito de estudo afeta todo projeto e todo o resto.

Palavras-chave: *educação a distância, estudante, comunicação, aprendizagem individual*

Introdução

O crescimento da Educação a Distância(EAD), em mais de oitenta países, tem permitido a chance, por vezes única, de escolarização a muitos estudantes, incluindo professores, que tiveram interrompida a escolarização em ambientes convencionais de formação. Censo da Educação Superior realizado no período de 2003 a 2006, sinaliza que a EAD é a que mais cresce no país – 571%. Se é certo que este crescimento mostra o aumento

do número de estudantes em programas de formação superior e continuada, é certo, igualmente, que no meio deste crescimento acumulam os problemas, multiplicam as indagações, complexificam os desafios.

Importa afirmar que a educação não garante as soluções que a sociedade está a reclamar. Quando entra em cena a educação, entra em tela o ser humano em toda sua (in)completude e (im)possibilidades. Para Freire (2001), não há prática humana que não esteja submetida a limites. Limites que são históricos, políticos, ideológicos, culturais, econômicos, sociais, e, entre outros, de competência dos envolvidos na causa, limites até de “sanidade do sujeito,” de comunicação, de educação. A EAD, como porção e expressão da educação, insere-se na mesma lógica, seja no cenário internacional, nacional ou local. Assim, não pode ser defendida, como uma saída “rápida e eficaz” para resolver os problemas relativos à educação.

Nesse cenário, a questão não é aderir, nem medir o poder da educação nas suas mais diferentes modalidades, se pode tudo, se pode nada, se pode, se não pode, quanto pode, mas

discutir onde pode, como pode, com quem pode, quando pode; é reconhecer que seu trabalho não é individual, é social e se dá na prática social em que faz parte. É reconhecer que a educação não sendo a chave, a alavanca da transformação social(...), é, porém, indispensável à transformação social. (FREIRE, 2001, p. 98)

À luz dessa idéia, destaca-se, entre outras advertências, com quem pode contar essa modalidade para que o envolvimento do aluno ocorra, e, assim, a educação prevaleça. Em razão dessa separação entre aluno e professor, a EAD se vale dos mais diferentes meios e tecnologias para, mais do que transmitir mensagens e fazer contatos, constituir laços educativos. A EAD, embora potencializada pelas mais atuais tecnologias de informação e comunicação, não garante a transformação da distância em proximidade, da passagem do comunicado para a (com)unicação. Constituir a comunicação que toda forma de educação requer e fortalecer os laços entre os sujeitos desta comunicação não é nada simples. Implica, mais do que utilizar das mais variadas TIC, pensar nos meios, sobretudo, humanos. Importa, então, pensar nas pessoas envolvidas e nos modos como lidam com os desafios inerentes aos processos educativos, em especial, no que tange ao

movimento (in)tenso da informação e conhecimento imiscuídos nos laços que se entrelaçam e se interligam a distância.

Para Apareci (2006), o processo informacional se caracteriza em transmitir dados. Informar, entretanto, não implica comunicar, mas toda ação comunicacional se informa algo. Mais que isso, implica tomada de consciência, disponibilidade *de entender e interligar*. É sabido que do mesmo modo que é possível manipular as informações dos meios é também possível manipular a comunicação entre as pessoas. Comunicar para o autor, então, não significa

sometimiento de una parte sobre otra ni tampoco un proceso de vampirización para que una de las partes se parezca a quienes detentan el poder. (...)Comunicar implica, de alguna manera, un acto de concientización. De tomada de conciencia. De intercambio. De relaciones(...). (APARECI, 2006, p. 40)

(Com)unicação supõe a ação com o outro. Comunicação com conscientização. Parafraseando Freire (1980), a educação só tem sentido com conscientização. A conscientização, sendo porção significativa dos processos educativos, se embola com a educação. Comunic(ação), conscientiz(ação), educ(ação). Ação que se repete, mas não mais do mesmo modo. Ação que afeta profundamente a educação e, com efeito, as pessoas envolvidas. Rumble (2000), Kenski (2003, 2007), Cobacho e Miravalles (2007), Gonzáles (2007), Sancho (2006), Almeida (2000), sabem da importância dos meios e das tecnologias nos processos educativos. A distinção entre os meios e as tecnologias pelos quais se utilizam os sujeitos envolvidos no processo em questão é bastante tênue. Enquanto o meio está ligado “a forma genérica de apresentar o conhecimento” – cada qual dentro do formato preferido ou “estilos de apresentação” – a tecnologia é tida, segundo Rumble (2000, p. 46), como “o veículo que transporta o meio.”

Mais importante que saber em que se distinguem, porém, é saber, sem cair na armadilha dos extremos, sobre o uso que se faz das tecnologias para “transportar os meios” pelos quais os professores estabelecem a comunicação e afeta o estudante distante. É saber, então, das pessoas que fazem uso desses meios e materiais. O que quero evidenciar, de acordo com Kenski (2003), é que não são as tecnologias que vão revolucionar o ensino, seja o livro, o giz ou o computador e as redes, mas a maneira como as pessoas se utilizam das TIC para constituírem a mediação do saber e os laços educativos.

Esta maneira pode ser revolucionária ou não. Os processos de interação e comunicação no ensino dependem muito mais das pessoas envolvidas no processo do que das tecnologias utilizadas,

(...). Desde o início do processo civilizatório, o homem utiliza formas de comunicação e interação para ensinar e aprender. As primeiras formas de ensinar exigiam forte aproximação e presença, tanto do mestre quanto do aprendiz. Mas isso não significava a existência de processos dialógicos de comunicação e interação entre eles. (KENSKI, 2003, p. 121)

Marco Teórico

É sabido que projetos educativos dirigidos a estudantes a distância têm fracassado, pois os *entornos educacionais*, tidos como necessários para o êxito desses projetos, têm sido descuidados. Entre os entornos educacionais, ganha destaque a responsabilidade dos tutores não somente de “guiar a aprendizagem”, mas motivar e preparar o estudante para participar de maneira ativa e produtiva do processo educativo. Motivar o estudante para que seja partícipe ativo do caminho pedagógico, porém, não se encerra nas habilidades do tutor, como se este professor, fosse uma *super-criatura* capaz de, por si só, dá conta das exigências do processo educativo, entre as quais, comunicar e envolver o estudante na aprendizagem. Nenhuma profissão está tão impregnada pelo ato comunicacional como a profissão docente. Parece que o pior que pode ocorrer a um educador, é mesmo ter problemas de comunicação, e, com efeito, *não suportar a relação com o outro*, de, conforme Castillo, (2003, p. 83), “considerar su tarea cotidiana como un castigo debido a esa necesidad permanente de interactuar, de exponerse a las miradas y los gestos de diez, cincuenta, cien seres que van a el para relacionarse”.

Muito se precisa fazer para que os ruídos comunicacionais tão presentes nas práticas educativas sejam evitados. Apareci (2006), Freire (2005), Peters (2001), entre outros, sinalizam que a comunicação se traduz em diálogo, uma forma de relação que põe uma ou mais pessoas em processo de interação e de transformação contínua. O sujeito pensante, alerta Freire (2006), não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos na prática de pensar. Para o autor, “(...)é o pensamos que estabelece o penso” e não contrário. É esta co-participação, acrescenta, dos sujeitos no ato de pensar que se constitui a comunicação (Ibidem). Comunicação é tida como sinônimo de interação e, por isso, cabe insistir em saber de que maneira as relações são estabelecidas e que

papéis desenvolvem cada um dos que intervêm. Sem ficar a margem da necessidade da especificidade destes papéis, é importante que o estudante seja e esteja preparado para descobrir-se nesse trajeto que não pertence ao professor por inteiro, mas aos sujeitos de uma prática social. Urge pensar e pesquisar sobre este aspecto sob o risco de ver interrompido projetos no âmbito da EAD.

Aretio (2006), lembra que, a partir de dados de pesquisa desenvolvida em 1986 por Keegan, mais de 50% dos sistemas de aprendizagem a distância dependem da forma de lidar com os materiais que se encontram em poder dos estudantes. Importa, assim, afetá-los de modo que descubram os recursos pertinentes na EAD, de que são capazes. Importa, assim, indagar: em que medida os estudantes estão conscientes de sua responsabilidade no processo educativo do qual faz parte?

O foco do presente estudo, sem cair na armadilha da polarização, recai sobre o estudante da EAD, seus papéis, suas expectativas, suas narrativas inoxidáveis. Cabe dá a voz ao estudante e conhecê-lo no movimento do processo pelo qual é partícipe, embora, muitas vezes, se veja solto e perplexo a indagar: tem alguém aí? Aos estudantes a distância é atribuída uma “carga pesada” (grifos meus) no desenvolvimento do processo educativo. Antecipar-se em face da qualidade da participação do estudante é fundamental para que os laços se constituam, a (com)unicação ocorra e a relação seja não apenas suportável.

Diferentes autores não duvidam que as tecnologias, progressivamente incorporadas nesses processos, ajudam na comunicação entre Instituição, tutores, estudantes e a realidade em que se inserem. Esses recursos, porém, não são a “pedra filosofal” para que o diálogo se constitua e os laços em forma de nós se fortaleçam. Além disso, os estudantes quase sempre se vêem despreparados diante da necessidade de lidar com os desafios que carregam consigo muito antes do ingresso no ensino superior, particularmente, de ordem cognitiva.

As atividades próprias de estudo, herança da escola presencial, se multiplicam. Na realidade em processo de desvendamento, mostra que nem todos os alunos, como noutros contextos, têm a maturidade suficiente para enfrentar só e na solidão uma série de responsabilidades que este estudos

em ambientes não convencionais abarcam. O “só” aqui mencionado não equivale à falta de companhia e a solidão embrutecedora, mas a falta, para além dos contatos imediatos, de interação, de diálogo e de colaboração entre os sujeitos envolvidos no processo.

O que quero enfatizar é que o esforço quase sempre solitário do aluno é, em geral, tido como miudinho e pálido dada a necessidade de apoio que exige a aprendizagem individual. Assim, recomenda-se reconhecer as formas de apoio que melhor atendem o enfrentamento da solidão vivida pelo aluno. Como agir para não sentir falta do calor e do aconchego possibilitado pela intensa presença? Como, então, se valer dos meios e das tecnologias disponíveis para lidar com os efeitos nocivos da aprendizagem individual e evitar os riscos da palavra de ordem “aprender a aprender”? Este lema volta a reinar, particularmente como princípio da EAD. Não estou fazendo apologia a idéia de que a escola, seja ela presencial ou não, deixe de estimular o estudante a assumir sua própria educação. Meu estranhamento, conforme Romão (2008), aproxima-se de Duarte (2006), ainda que de modo menos arrojado, ao fazer a crítica na valorização das aprendizagens individualizadas como “aquelas mais desejáveis”. Aprender a aprender reside, conforme o autor, (...)na diluição do papel da escola(...), na desvalorização do professor como alguém que detém o saber(...), na própria negação do ato de ensinar(...) Ibidem. Pretende-se aqui por em destaque o estudante da EAD, mas sem ignorar o perigo dos mitos e riscos que rodeiam a EAD e a complexidade inerente em todo trabalho educativo.

Isso posto, o presente estudo tem como objetivo geral captar os recursos de envolvimento dos estudantes *online*, seus interesses e percepções, bem como estudar o que mais influenciou ou atrapalhou nesse processo de modo que, ao fim, seja possível apontar como a comunicação se constitui e os laços educativos se fortalecem em “nós”.

Diante de tais pretensões e provocações, a tutoria, tida como toda forma de ação que permite lidar com as dificuldades inerentes na aprendizagem a distância, tem contribuição significativa. A aprendizagem individual, entre outros, pressupõe, para Aretio (2006), desalento e, portanto, elevadas taxas de abandono que Instituições e programas de EAD suportam. O autor chega a afirmar que a relação entre tutores e alunos

diminui as taxas de abandono, além de estimular os que se consideram pouco dotados intelectualmente para desenvolver com independência capacidade de auto-estudo. Compete ao tutor, desenvolver formas de interlocução dialogal com o aluno e ajudá-lo a resolver situações problemas de aprendizagem, “inclusive pessoais”. Assim, o tutor tem participação efetiva na rede de comunicação que envolve o estudante com a Instituição e a sua formação. Faça, todavia, o máximo que fizer, esteja ele de perto ou de longe, e com a maior “boa vontade do mundo”, ainda assim, é possível que seu aluno continue indiferente, com frio e só.

Diante dessa realidade, exige-se dos tutores, de um lado, além de “inteligência e rapidez mental”, exercer influências positivas – mostrar ânimo, empatia, capacidade de escuta e de leitura aliada ao domínio do conhecimento e, por outro lado, exige-se do estudante capacidade de auto-estudo, de gerir sua própria aprendizagem e agir com autonomia intelectual. Esses estudantes, porém, não aprenderam a estudar com a independência que todo projeto de educação, sobretudo a distância, requer. Não aprenderam a verdadeira “arte de pensar” proposta por Roszak (2005). Pensar em rede, menos ainda.

El arte de pensar se base en la asobrosa capacidad que tiene la mente de crear más allá de lo que se propone, más allá de lo que puede prever. No podemos empezar a dar forma a esa capacidad con el fin de aplicarla a fines humanitarios, ni podemos protegerla de abusos demoníacos, si antes haber experimentado la verdadera magnitud de la mente. (ROSZAK, 2005, p. 249)

As dificuldades não terminam por aí. González (2007), assinala que muitos desses alunos adultos, muitos deles trabalhadores, iniciam a formação na modalidade aqui em destaque após muito tempo que desistiram do sistema oficial de ensino. Muitos deles pretendem somente aumentar seu *status* ou nível de conhecimentos, porém a realidade - seja no plano familiar, profissional, social e econômica - não favorece. Assim, a distância entre alunos e professores que marcam experiências em EAD, nunca aparece no singular. Esta distância, quase sempre enovelada com outras distâncias, nem sempre circunscreve no interior da Instituição.

Nesse terreno, para alguns pantanoso, projetos, mesmo bem elaborados, não sobrevivem se não há disposição para mudança. Aretio

(2006), adverte, por exemplo, que efetivamente o aluno adulto que se dispõe a aprender de forma não convencional, precisa saber que sua perspectiva de vida, suas relações, seus interesses, seu trabalho e suas metas precisam ser alteradas. Ademais, em razão dos aspectos antes relacionados, nem sempre este aluno tem todo tempo que se apregoa em programas no âmbito da EAD. Sem tempo, vão surgir diversos complicadores, entre os quais, destaca-se a falta de hábito de estudo. Em estudo realizado por Robinson (1981), entre vários problemas enfrentados por estudantes presenciais, a falta de hábito de estudo é apontado como uma dificuldade que afeta o estudo independente e, com efeito, projetos em EAD. Assim, a EAD, nem sempre chega, mesmo potencializada pelas mais encantatórias tecnologias educativas, a onde “o aluno quiser estudar”. Ademais, nem sempre o aluno conta com todo o espaço e tempo tão flexíveis para a aprendizagem que se pretende, embora o novo modo de lidar com as categorias tempo e espaço sejam os atrativos mais marcantes da EAD.

A questão não é, portanto, fazer competição entre modelos mais rígidos ou mais flexíveis, nem entre papéis, nem, ainda, mostrar quem ocupa o centro das atenções tão em moda atualmente, mas chamar a atenção dos meios e modos de (liga)cão consciente, de diálogo, de envolvimento que permitem emergir os laços que possibilitam a circularidade do saber, a comunicação efetiva, assumir-se como um ser de comunicação. Para Castillo (2003, p. 84), “ser un ser de comunicación no es sencillo, pero cuando se lo logra y vive es lo más maravilloso del acto educativo”.

Conclusão

Em matéria de educação, o unilateral, o individual, o isolado não têm vez. Do mesmo modo que educação não é coisa de um homem só, não é também coisa determinada por um único meio de medi(ação), mas algo que ocorre e circula em rede, em conexão, numa teia de nós. O diálogo parece ser o caminho que costura os laços em forma de nós e possibilita a comunicação efetiva entre os sujeitos do processo educativo.

É necessário cuidar das fontes que possibilitam esta comunicação. Cuidar do conjunto dessas fontes inclui olhar para quem é dirigido o saber – o intérprete. Afetá-lo é determinante para que a comunicação e educação se constituam. As TIC têm grande contribuição, mas não constituem a proa e a

popa da necessária ambiência e interlocução dialogal entre os intérpretes desta interlocução. O clima de proximidade se consegue por meio de narrativas, de relatos, de histórias, de falas e escutas, de histórias, que se potencializam por meio de múltiplas formas de linguagens. A linguagem aqui em destaque, é aquela, conforme diz Cascudo e Miravelles (1997), *plena de sentidos, que emana de uma pessoa*, atenta ao ponto de vista do intérprete. O interprete neste caso é o estudante. Este intérprete, todavia, nem sempre mostra-se disposto a interpretar e descobrir-se partícipe consciente do processo em que está envolvido e alterar suas convicções, a aprender a pensar, a criar laços transformá-los em nós. Este intérprete necessita, além de desenvolver hábito de estudo, ter consciência de que sua vida mudou e, assim, sua mentalidade, seus interesses e expectativas precisam ser modificadas.

O presente estudo mostra, até aqui, que os estudantes, em geral, se revelam inseguros e assombrados mediante a exigência de assumir um papel para o qual não foi preparado, pois o bafio da escola tradicional parece ainda impregnado nos seus poros, nas suas mentes. A dificuldade de estudar e assumir sua própria educação ainda é um grande desafio para novos ambientes educativos. Nem sempre o aluno conta com todo o espaço e tempo com a marca da flexibilidade que se propaga na EAD. O novo modo de lidar com as categorias tempo e espaço, mesmo tido como atrativos mais marcantes da EAD, nem sempre garante que o conhecimento e a comunicação chegam de acordo com as expectativas e realidade do aluno – onde o aluno “quiser estudar.” Plurívocos fatores interferem nesse processo. Para além do cuidado com novas tecnologias educativas, importa contar com a disposição do estudante em olhar para si e desenvolver novas posturas de conduta. Isso não basta, pois nesse cenário

não há espaço para conservadores ou acomodados, exigem-se atividades ousadas(...). Estar sempre de cabeça aberta às novidades e ser flexível para mudar a qualquer momento. Não é um território de dogmas ou verdades absolutas. (FORMIGA, 2009, p. 40)

Referências

- [1] ALMEIDA, Maria Elizabeh Bianconcini. Educação, ambientes virtuais e interatividade. In: SILVA, Marco (org.) **Educação Online**. São Paulo: Loyola, 2003.

- [2] APARECI, Antoni. Compreender los medios o la comunicación? In: APARECI, Roberto (coordinador). **Comunicación educativa en la sociedad de la información**. Madrid: Librería UNED, 2006, p. 45 a
- [3] CASCUDO, Carme Trindad, MIRAVALLÉS, Anna Forés. Hay alguien ahí? Acompañamiento el aprendizaje. In: COBACHO, Eva Bach; MIRAVALLÉS, Anna Forés. **E-mociones: comunicar y educar a través de la red**. Barcelona: CEAC, 2007, 49-65.
- [4] COBACHO, Eva Bach; MIRAVALLÉS, Anna Forés. **E-mociones: comunicar y educar a través de la red**. Barcelona: CEAC, 2007, p. 25-48.
- [5] CASTILLO, Daniel Prieto. Presencia de la comunicación educativa. In: APARECI, Roberto (coordinador). **Comunicación Educativa en la sociedad de la información**. Madrid: Librería UNED, 2003, p.79 a 95.
- [6] DUARTE, Newton. **Vigotski e o aprender a aprender: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas de a teoria vigotskiana**. Campinas: Autores Associado, 2006.
- [7] FREIRE, Paulo. Direitos humanos e Educação Libertadora. In: FREIRE, Anita. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001, p. 93 a 103.
- [8] _____. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- [9] _____. **Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.
- [10] FORMIGA, Marcos. A terminologia da EAD. In: LITTO, Fredric e FORMIGA, Marcos (organizadores). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009, p. 40 a 46.
- [11] GONZÁLEZ, Jaime Ricardo Valenzuela. Imagem social de la educación a distancia. In: MENA, Marta (compiladora) **Construyendo la nueva agenda de la educación a distancia**. Buenos Aires: La Crujía, 2007, p. 251-278.
- [12] KENSKI, Moreira Vani. Interação e comunicação no ensino mediado pelas tecnologias. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas: Papirus, 2003.
- [13] _____. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- [14] PETERS, Otto. **Didática do ensino a distância**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2001.
- [15] ROMÃO, Sampaio Eliana **A relação educativa por entre fios, falas e cartas**. Maceió: EDUFAL, 2008.
- [16] RUMBLE, Greville. A Tecnologia da Educação a Distância em Cenários do Terceiro Mundo. In: PRETI, Oreste (org.). **Educação a distância: construindo significados**. Cuiabá: NEAD/IE – UFMT; Brasília: Plano, 2000, p. 43-61.
- [17] ROSZAK, Theodore. **El culto a la información: un tratado sobre alta tecnología, inteligencia artificial y el verdadero arte de pensar**. España: gedisa, 2005.
- [18] ROBINSON, B. Support for student learning. In: KAYE, A. RUMBLE, G. **Distance teaching for higher and adult education**. Londres: Croom Helm, 1981.
- [19] SANCHO, Juana María. De tecnologias da informação e comunicação a recursos educativos. In: SANCHO, Juana María; Hernandez, Fernandes. **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.